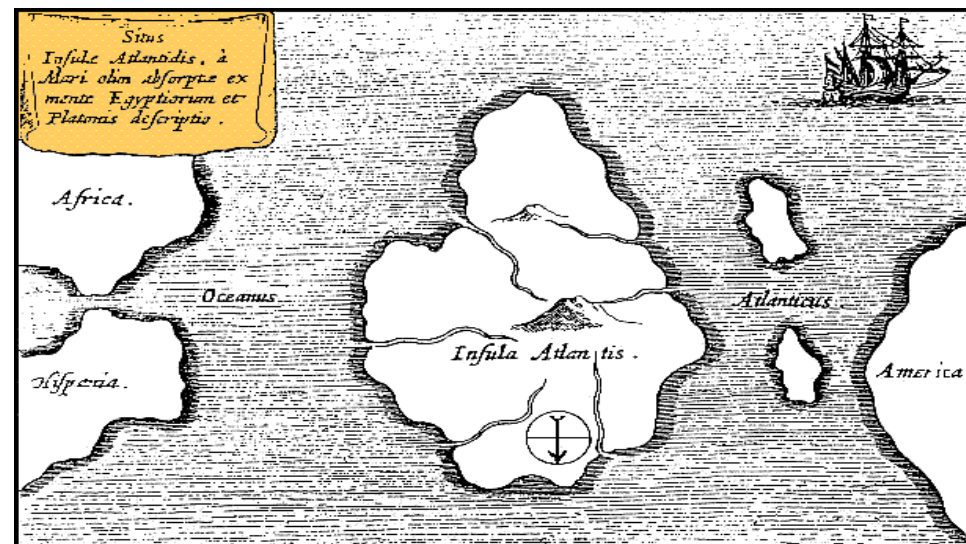


CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 8 Edição dezembro 2010

DEDICADO A MÁRIO MACHADO FRAIÃO



CADERNO Nº 8 Edição dezembro 2010

DEDICADO A MÁRIO MACHADO FRAIÃO

Todas as edições estão em linha em <https://www.lusofonias.net/>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

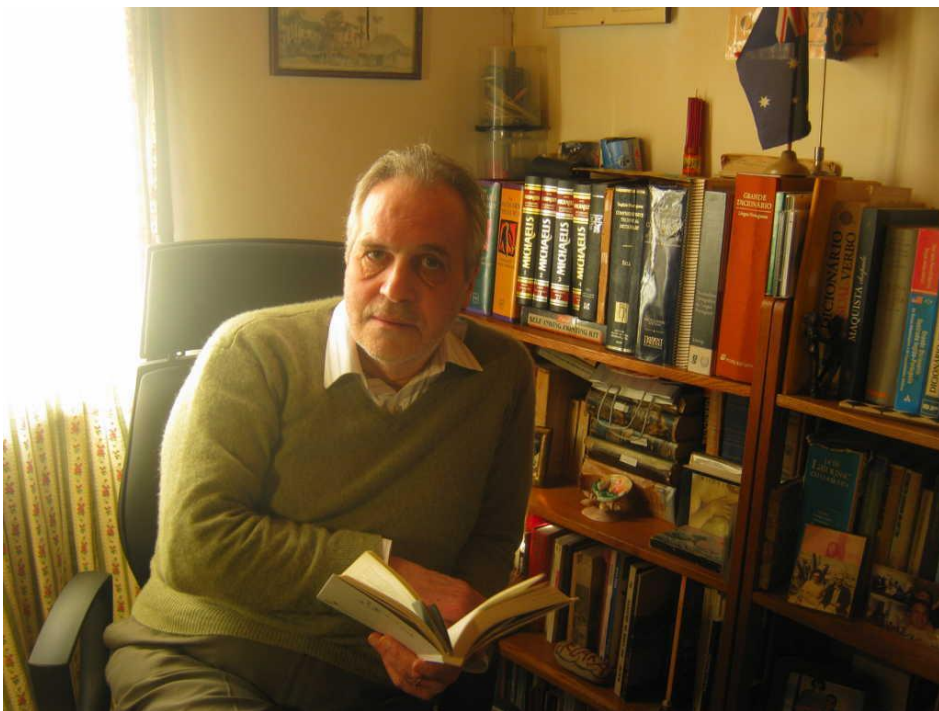


© TM®

Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do editor, Chrys Chrystello

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, **servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos** que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

² adotando a designação feliz utilizada por Álamô Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE a publicar em 2017 com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos.

Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exhaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Dos autores contemporâneos de que publicamos excertos nos últimos Cadernos, optamos por aqueles por quem nutrimos mais apreciação literária: **Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo de Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Fernando Aires**. Para este 8º caderno temos MÁRIO MACHADO FRAIÃO, falecido em 8 de novembro 2010.



MÁRIO MACHADO FRAIÃO era um açoriano nascido na cidade da Horta, ilha do Faial, em 1952, (falecido a 8 de novembro de 2010 em Lisboa), mas residente no território continental faz muitos anos.

A distância do arquipélago e as vicissitudes da sua vida não limitaram o afeto que transportava pela terra natal, aonde regressava, por vezes, durante o verão.

Nos últimos anos tinha escrito crónicas e resenhas de livros destinados aos jornais dos Açores, dirigidos principalmente ao suplemento de artes e letras do Diário Insular.

Quanto à poesia, preferia mencionar os livros “Enquanto o Mar se Renova”, “Poemas do Mar Atlântico” e “Os Barcos Levam Nomes de Mulheres”.

Encontra-se representado em várias antologias de poesia açoriana, designadamente em “Nove Rumores do Mar”, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto, publicada pelo Instituto Camões, e “On a Leaf of Blue”, dirigida por Diniz Borges, edição bilingue da Universidade da Califórnia.

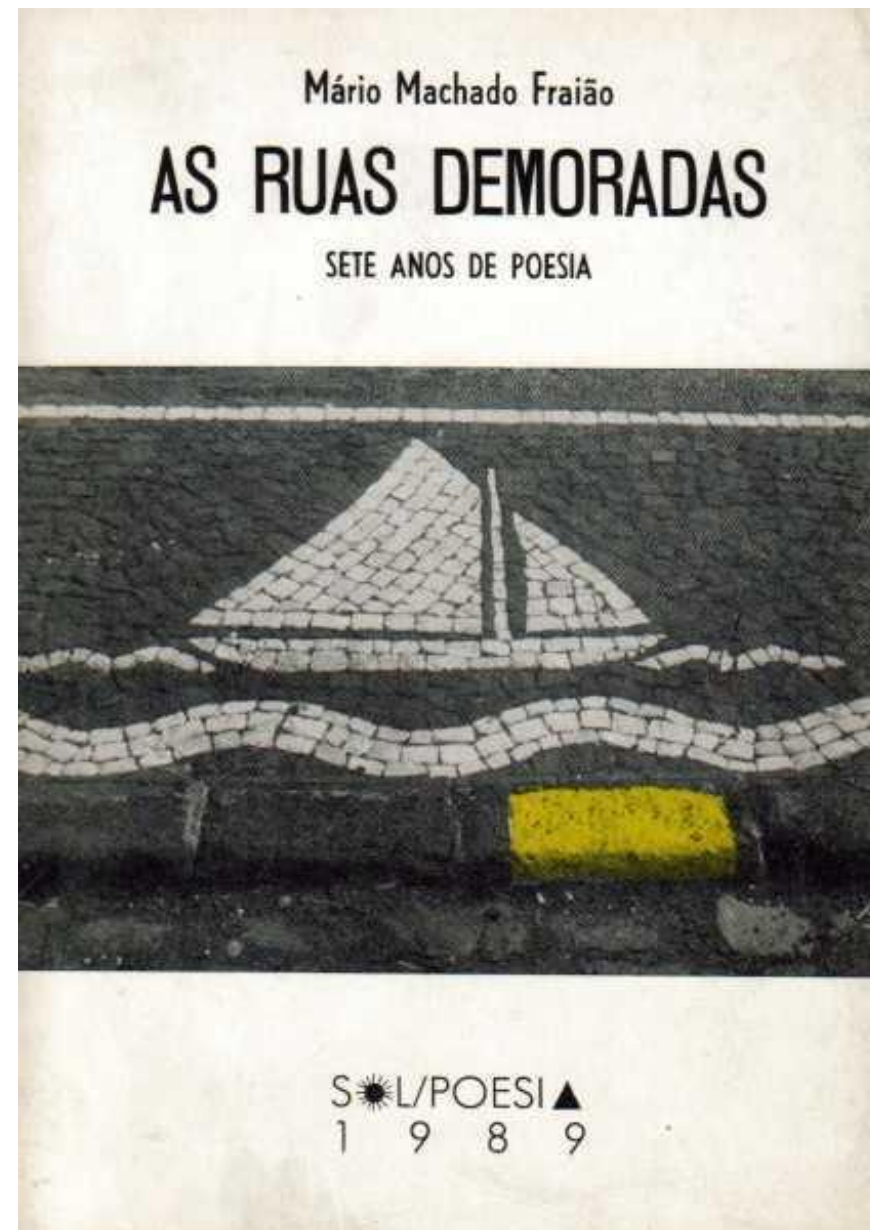
Mestre em História Regional e Local pela Universidade de Lisboa, exerceu a sua atividade profissional numa escola do Ensino Secundário.

BIBLIOGRAFIA

1. (1982) in *O lavrador de ilhas, literatura açoriana hoje, vol. 1, 1977-1980* de J. H. Santos Barros. SREC
2. (1983) in *O bando da papoila, poemas de Fernando Grade*. Ed. Mic
3. (1985). *As cordas e os metais, o sabor da paisagem*. Ed. Mic
4. (1986) in *O vinho dos mortos, poemas de Fernando Grade*. Ed. Mic
5. (1987) in *Frontispício para um retrato, poemas de Manuel Ramiro Salgueiro*. Ed. Mic

6. (1988). *Os navios no horizonte*. Ed. Mic
7. (1989). *As ruas demoradas: sete anos de poesia 1980-1987*. Ed. autor. Sol. Poesia.
8. (1989) in *O desporto na poesia portuguesa de José do Carmo Francisco*, ed. Sindicato dos Bancários do sul e ilhas
9. (1989) in *Açores, açorianos, açorianidade, um espaço cultural*, de Onésimo T. Almeida, ed. Signo
10. (1991). *Poemas do mar Atlântico*, ed. Câmara Municipal da Horta
11. (1994) in *Viola delta, poemas vol. 20*. Ed. Mic
12. (1995). *Os barcos levam nomes de mulheres*. Ponta Delgada, ed. Éter
13. (1999) in *Sil 21* vol. 28-31,
14. (2000) in *Ler*, vol. 48-49. Círculo de Leitores
15. (2000) in *Nove rumores de mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers
16. (2003) in *Antologia: On a leaf of blue* de Diniz Borges. Universidade de Califórnia. Berkeley
17. (2005) in *Africa today, política, economia e cultura*. Ed. 7-12 vol. 1. Xangai Ed.
18. (2006) in *Pontos luminosos: Açores e Madeira. Antologia de poesia do séc. XX*, de Maria Aurora Carvalho Homem, Urbano Bettencourt e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras
19. (2007). *Cartas de marear. Crónicas*, ed. autor. Albagrafe Lda
20. (2009) in *Viola delta, poemas, vol. 46*. Ed. Mic
21. (2007) in *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
22. (2012). *Antes que o sol acabasse*, trabalho póstumo. Prefácio: Victor Rui Soares. Fotografias: Renato Monteiro. Ed. O Telégrafo. Horta.

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



ENQUANTO O MAR SE RENOVA (1987)
(in “AS RUAS DEMORADAS”, SETE ANOS DE POESIA, Mário Machado Fraião,
SOL/POESIA, 1989)

O gin-tónico
pode ser também um bar de Lisboa
mesmo ao pé do mar
A luz do sol
chegava duma praça liberal
estendia-se pelo chão
resplendente
inundava as mesas
O velho conta histórias de espões
com certa nostalgia
Acerca disso
li algures um texto interessante
e gostei muito
acerca disso e das prostitutas do Cais do Sodré
O silêncio
comeu
vagarosamente
a alma deste porto
e dos outros portos do mundo
Ele paira
sobre as docas e os mares
como a pesada mão dum deus ameaçador
e brutal
Procuramos a noite

como todos os marinheiros
na certeza de que a terra é o melhor sítio aonde chegar
enquanto prosseguem as viagens interplanetárias
sem que se vislumbre a Ilha dos Amores
nem Calecute nem nada
Houve um que disse:
«Vou-me embora pra Pasárgada»
Eu não vou
O Tejo continua a ser o grande rio.
O navio andava sobre os campos
Nessa tarde ensolarada
mesmo abrasadora
tivemos uvas e ameixas
recordámos algumas tradições
e depois falámos de mulheres
O mar adormecera com tanto calor
e azul dominava todas as cores
O mergulho
a conversa depois da praia
aquelas tipas nuas mesmo à nossa frente
Durante o dia
esplendoroso
foi o cheiro de muitos violoncelos
O silêncio era quente
como as nossas mãos
e as palavras

— O navio andava sobre os campos
Eternamente.



MAR RUBRO

O primeiro livro em prosa de Dias de Melo, *Mar Rubro*, foi editado precisamente em 1958, passaram mais de cinquenta anos. Uma segunda edição teria lugar em 1980, com lançamento na Sociedade Portuguesa de Autores, em Lisboa, com casa cheia, onde o escritor conviveu com os seus conterrâneos residentes na capital. Esta obra inaugura o denominado *ciclo da baleia*, do qual faz parte a mais emblemática obra do autor, *Pedras Negras*, vinda a público no ano já distante de 1964. Seguir-se-ia, volvida mais de uma década, em 1976, *Mar Pela Proa*.

Não resistimos, porém, a introduzir, neste mesmo *ciclo*, o volume *Vida Vivida em Terras de Baleeiros*, de 1983, uma extraordinária monografia historiando a saga da caça ao cachalote na ilha do Pico desde os tempos do lendário capitão Anselmo.

O universo das «crónicas romanceadas» de *Mar Rubro*, é o sul do Pico, mais concretamente a freguesia da Calheta de Nesquim, terra natal do autor. É por isso que descreve com alguns dos seus melhores textos essa pequena localidade, isolada, como tantas outras, na costa da «ilha negra», sem nada que a notabilizasse, sem especial recurso ou nenhuma glória que não fosse a bravura dos seus homens. «*Todavia são belos os seus matos, que, lá no alto, no interior da ilha, se requebram em curvas gráceis de oiteiros e montes, e montanhas, revestidos de verduras, ou se alargam em extensos vales silenciosos, atapetados de amplos relvados, marchetados de compridos renques de cedros e azevinhos e, de onde em onde, purificados pela bênção das águas tranquilas e transparentes de charcos, pauis e lagoas*».

As noites de temporal no pequeno povoado, onde em muitas casas as vidraças estavam iluminadas pelas candeias de azeite de baleia, quando o vento parecia rebentar portas e janelas, e o mar, na costa, parecia tragar a terra.

E são as longas tardes na *casa dos botes* escutando as façanhas dos mais velhos: Mestre José Faidoca, a quem o nosso autor chama Mestre dos mestres, pela valentia e pela confiança que incutia aos homens da sua companhia nos momentos decisivos; Capitão Medina, que regressara depois de muitos anos emigrado nos Estados Unidos, estabelecido em S. Diego da Califórnia, onde prosperou na pesca do atum, fora voluntário na Segunda Guerra Mundial e alcançara o posto de *Commander* da Marinha de Guerra daquele país; João Caçolha, Mestre João Silveira, Mestre João Graxinha, entre muitos outros.

Mas seria sem qualquer dúvida a memória da infância, quando o povo da freguesia, ao primeiro sinal do vigia, despertava subitamente e corria desde as terras mais elevadas, ou das casas térreas, corria pelos carreiros íngremes na pressa de arriar os botes com seus apetrechos, os remos, as celhas, os arpões, reunir os sete homens da cada embarcação,

seis remadores, mais o esparrela que à popa segurava o leme, içar as velas, ou, nos tempos mais recentes, esperar que arrancassem os motores da gasolina, para então, apressadamente amarrados, zarparem primeiro que os seus mais diretos competidores, os «ribeiras», e os «vilas» das Lajes.

«Para que assim acontecesse, bastaria (...) ter ouvido, em dias repetidos, o estalar do foguete no céu azul da minha freguesia e aquele grito vibrante, estranhamente vibrante, repetido por dezenas e dezenas de vozes – baleia! baleia! (...) a imagem, cheia de movimento, dos baleeiros a correrem, a correrem como loucos, de saquinhas de chita e casacos de cotim, frocas de angrim, sueras de lã dependuradas dos braços, a caminho do porto, a caminho do mar.»

Depois de arpoada a baleia, quando havia *casa de derreter* na Calheta, o esforço brutal, em dias de sol, a rasgar o cetáceo, começando por separar do corpo a grande cabeça, retirar o toicinho, aproveitar o espermacete, o óleo mais valioso, tudo isto suportando o indescritível fedor da carne esfacelada desse animal gigantesco. *«Jorrava o sangue, quando as baleias eram decepadas e esfoladas, espirravam gorduras, quando as cabeças eram abertas, vazadas, esquartejadas, desventravam-se vísceras, à medida que os escalhos inchavam e apodreciam»*. Então as águas tingidas de sangue tomavam uma cor avermelhada em redor do pequeno porto, a cor rubra.

Dias de Melo, recentemente desaparecido, é autor de uma obra que se reparte por mais de vinte títulos incluindo a poesia, o conto, a crónica, narrativa de viagem, romance, etnografia. Porém, no seu coração houve sempre um lugar predileto para os baleeiros do Pico.

(in “AS RUAS DEMORADAS”, SETE ANOS DE POESIA, Mário Machado Fraião, SOL/POESIA, 1989)

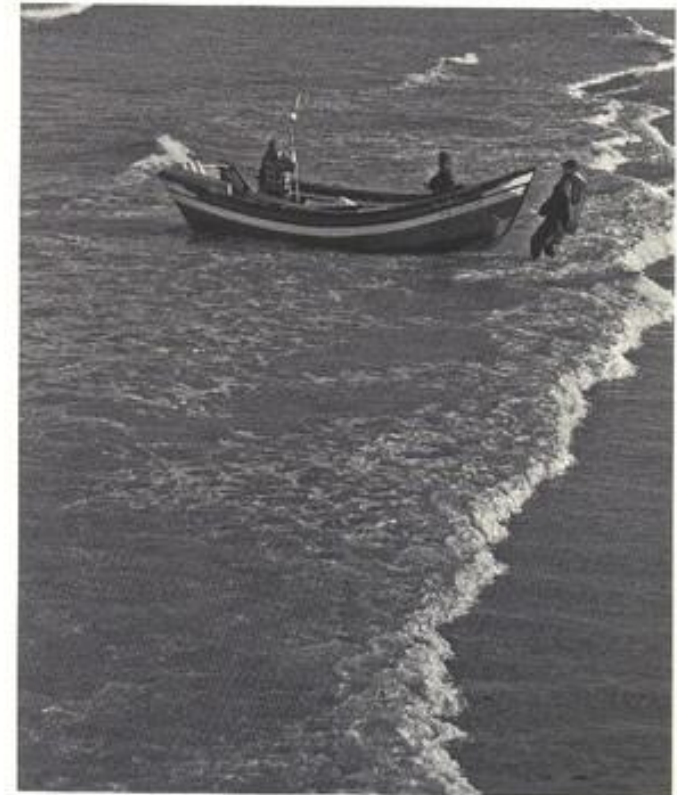
A tarde é um cachalote quase morto
a debater-se
no espelho da baía
que pensa
Os homens viajam nos bancos do jardim
aconselham as crianças
que não se debrucem muito na muralha
A tarde é um navio a despedir-se
com lenços de emigrantes
Os rapazes do Clube Naval
enrolam os panos
no sossego quente
de motores velhos.

Meu pai falava
encostado à janela frontal ao Pico
— acerca destas ilhas é que deves escrever
Por essa altura
ainda as mulheres da fruta se apinhavam na Rua Direita
e os emigrantes ainda choravam
que nunca mais esta vida com os outros
das tardes de verão no campo de jogos

no arraial
na pesca do carapau
Por essa altura
toda a gente se encontrava na Praça dos Namorados.

As últimas traineiras entraram devagar para deixar a baía adormecer nos seus pares de namorados
O mar é sempre o espanto da cidade a mulher do poeta sentado na doca sem namorada nem viola
Pequenos motores
atravessam o silêncio sem o machucar
O rapaz tem as mãos besuntadas de gasóleo
imagina canoas
com sete vidas salgadas de aflições
No meio da noite
os garajaus picavam sobre as ondas vermelhas.

ANTES QUE O SOL ACABASSE



MÁRIO MACHADO FRAIÃO

poemas

E. M. DE MELO E CASTRO

FERNANDO GRADE

JOÃO J. G. D. BELO

MANUEL RAMIRO SALGUEIRO

MÁRIO MACHADO FRAIÃO

VIOLA DELTA

17.º VOLUME

(Coordenação e selecção de Autores por FERNANDO GRADE)



Edições Mic

EXCERTO DA REVISTA SEIXO REVIEW Nº 9 2008

As viagens

de um capitão

mário machado FRAIÃO

Tomando como pretexto para a sua pesquisa a invocação de um antepassado que se notabilizara como capitão de navios de longo curso, Yolanda Corsepius, filha de uma faialense e de um alemão de uma das companhias dos cabos submarinos, consegue recriar o quotidiano da cidade da Horta na segunda metade do século XIX: o movimento portuário, os Dabney, as baleeiras americanas, as primeiras filarmónicas, a imprensa, os lendários serões dançantes, mas também as tempestades, a fome.

Jacintho Manoel da Silveira *«fôra capitão de quatro navios à vela entre 1857 e 1880: um patacho, um lugre, uma barca e até uma chalupa»*. Acrescenta a autora que ao longo da sua vida, JMS, o bisavô protagonista do livro, tinha comandado, seguramente, mais de meia centena de viagens, a maioria das quais no arquipélago dos Açores, outras com destino à América, para onde transportava óleo de baleia e caixas com laranjas, mas ainda para a Inglaterra e para Lisboa. No retorno trazia madeiras dos Estados Unidos, pedra e cal de Lisboa, carvão de Inglaterra.

Mas ao mesmo tempo, *Nas Rotas de um Bisavô*, ilustrado com interessantes fotografias e algumas gravuras, é a recordação dos anos difíceis, da luta pela sobrevivência da população pobre – a

levadas pelos baleeiros, a mando dos seus comandantes, para trabalharem nas embarcações, dos temporais que fustigavam a orla marítima da cidade antes da construção do molhe da doca, dos ciclones e da escassez do milho.

Mas a cidade iria recuperar dessas calamidades naturais devido à importância do seu porto e ao dinamismo da família Dabney, que havia montado uma empresa fornecedora de apetrechos para a navegação, incluindo oficinas de reparação que se tornariam prestigiadas pela destreza dos seus carpinteiros e calafates, sendo a mesma família quem orientava a exportação do óleo de baleia, e, enquanto foi possível, o comércio da laranja e do vinho.

Para a elaboração deste interessante volume a sua autora consultou inúmeros documentos dos mais diversos arquivos e recorreu a conceituados investigadores da história do Município, como, por exemplo, Marcelino Lima ou Júlio da Rosa. Escreve Yolanda Corsepius: *«Era grande o vaivém de navios no porto da Horta em 1857. Nesse ano tinham entrado duzentos e sessenta e seis, sendo cento e quinze baleeiras americanas! Tinha começado uma nova fase na baleação que incluía fazê-lo a partir da própria Horta. (...) Aumentava assim a safra dos barris de óleo»*. Acrescenta que mais tarde, em 1876, os Dabney iriam

do Pico.

Assim, após as décadas de ruína e fome, consequência das pragas que dizimaram, primeiro os laranjais, depois a vinha, e ainda devido aos ciclones que destruíram campos de milho e trigo, a pequena localidade reanimava-se. As páginas deste livro fornecem-nos alguns exemplos dessa vitalidade, no domínio da cultura. Em 16 de Setembro de 1856 seria inaugurado o Teatro União Faialense, empreendimento de João de Bettencourt Correia e Ávila. No ano seguinte surgiu o primeiro jornal da ilha, *O Incentivo*, fundado por uma notável personalidade local, João José da Graça, e no mesmo ano de 1857, o semanário *O Fayalense*, dirigido por Miguel Street de Arriaga, o qual teria vida bem mais longa e poderia contar com a colaboração de alguns dos escritores desse tempo, que então se revelavam, como Florêncio Terra ou Rodrigo Guerra. Ainda nesta década prodigiosa, em 21 de Fevereiro de 1858 aparece a *Filarmonia Artista Faialense*, para a qual havia de contribuir o engenho do maestro Francisco Simaria.

E enquanto aqueles que enriqueciam com o comércio marítimo e o rendimento das suas propriedades ocupavam as horas do ócio nos bailes onde músicos interpretavam Schubert ou Chopin, ou se declamava poesia depois do chá, um número considerável de pequenos agricultores e rendeiros das freguesias do campo das ilhas do Faial e Pico, calcula-se que alguns milhares, revoltados com a nova contribuição predial, afluíram com turbulência à cidade da Horta em Julho de 1862 e ocuparam alguns serviços da administração. Yolanda Corsepis esclarece que apenas a serenidade e sabedoria do saudoso governador civil Santa Rita resolveu a situação, a qual só esteve definitivamente apaziguada com a chegada de um batalhão de soldados vindos de Lisboa.

Mas na pacata cidade tivera início, finalmente, em 1876, a construção do molhe da doca. Continuava a exportação da laranja, mas diminuíram as quantidades, e consequentemente era menor o rendimento dessa actividade, até então bastante lucrativa. Entretanto, progressivamente, a navegação à vela seria substituída pelo vapor. E uma outra família com interesse nos negócios da navegação e no fornecimento de carvão começa a competir na pequena localidade, os Bensauide.

Em 1893, os Dabney, que durante mais de oitenta anos trouxeram um contributo inigualável para o desenvolvimento da cidade, abandonam a ilha do Faial. John B. Dabney chegara em 1808, quando assume o cargo de cônsul geral dos Estados Unidos para todo o arquipélago. Mas no final da centúria que alterara a vida da

pequena localidade, «JMS fizera durante a sua vida, pelo menos setenta e uma viagens, entrando em cinco portos portugueses, inclusive Açores, treze na Europa, três nos Estados Unidos e um no Brasil», sublinha a nossa autora, não deixando de nos informar que o mesmo Jacintho Manoel da Silveira assumiu o cargo de Vive-Cônsul dos Estados Unidos, por algum tempo, tendo em conta o seu prestígio, as suas qualidades e a simpatia de que gozava. Estava a findar o século de Novecentos e em breve teria início um novo ciclo da história do burgo, a época dos cabos submarinos.

Mário Machado Fraião nasceu na cidade da Horta, ilha do Faial, em 1952. Reside no território continental faz muitos anos. A distância do arquipélago e as vicissitudes da sua vida não limitaram o afecto que transporta pela terra natal, aonde regressa, por vezes, durante o Verão.

Nos últimos anos tem escrito crónicas e resenhas de livros destinados aos jornais dos Açores, dirigidos principalmente ao suplemento de artes e letras do *Diário Insular*.

Quanto à poesia, prefere mencionar os livros *Enquanto o Mar se Renova*, *Poemas do Mar Atlântico* e *Os Barcos Levam Nomes de Mulheres*. Encontra-se representado em várias antologias de poesia açoriana, designadamente em *Nove Rumores do Mar*, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto, publicada pelo Instituto Camões, e *On a Leaf of Blue*, dirigida por Diniz Borges, edição bilingue da Universidade da Califórnia.

Mestre em História Regional e Local pela Universidade de Lisboa, exerce a sua actividade profissional numa escola do Ensino Secundário.



Faina

(in “CARTA DE MAREAR”, CRÓNICAS, Mário Machado Fraião, ed. Do Autor, 2007)

A pesca foi seguramente uma das actividades fundadoras da nacionalidade portuguesa. A par do comércio e da pequena exploração agrícola, a pesca fixou a população ao longo da costa, estabeleceu portos, desenvolveu as póvoas e as cidades do litoral, moldou a alma de um povo que havia de procurar no mar o sustento, a independência, a expansão.

Hoje, como todos sabem, são muitas as dificuldades que se deparam aos pescadores portugueses: concorrência com as frotas modernizadas de armadores estrangeiros; as cotas da união europeia; a escassez de peixe nas águas territoriais. Incontáveis são as obras, literárias ou científicas, que se produziram acerca da pesca portuguesa. Todavia, talvez nenhuma tenha sido escrita com tamanha paixão como *Os Pescadores*, valiosa recolha de crónicas desse admirável escritor que foi Raul Brandão. Publicado no ano já distante de 1923, sendo os textos datados dos três anos anteriores, constitui este livro um extraordinário testemunho de uma actividade vital para o nosso país naquela época.

Inicia-se agora a publicação da obra completa do autor de *As Ilhas Desconhecidas* com o primeiro volume das *Memórias*, organização da Relógio d'Água. Nascido na Foz do Douro, de família humilde e aventureira, Raul Brandão teve uma infância marcada pelo sonho e pela tragédia. Assistiu à morte do avô, depois a morte do pai, «homens que andavam sobre as águas do mar.» Mas foi sobretudo a força interior dessa gente, a gente do mar, que tocou para todo o sempre a pulsação e a verve desse genial prosador.

As mulheres que esperam no cais os seus homens, mulheres de pés despidos no chão e uma vontade inesgotável na cabeça, mulheres que salgam o peixe e o transportam em canastras, apregoando pelas estradas da beira-mar, pelas ruas e praças de vilas ou cidades. Os homens, com as suas qualidades e defeitos, os seus silêncios, as suas manhas: «Falava

pouco. Sorria sempre numa satisfação interior, completa, perfeita, com uma cara de páscoas rosada e inocente, enquadrada pela barba de passa-piolho toda branca.» Vai mencionando os antigos companheiros, o Jeremias, o Bilé, o Mandum, o Joaquim Sota, o José das Facadas, todos da Foz ou das redondezas. Recorda as suas façanhas, os tiques, as pequenas maldades. É tão poderosa a descrição que chega mesmo a dizer: *«Os meus mortos estão cada vez mais vivos.»*

O que mais impressiona ao lermos estas páginas é a grande emotividade assumida ao relatar a faina, as longas horas da pesca: *«A escota range no moitão e a grande vela triangular sobe, debate-se, enche-se de vento. A catraia mete a borda. Uma hesitação na marcha e logo nos entranhamos na agitação infinita, na noite infinita. À luz da lanterna remexem sombras indecisas. (...) Só o arrais continua agarrado ao leme, de olhos fixos na agulha de marear.»* Estamos perante uma escrita que sugere a cada momento uma pintura, uma câmara de filmar. A primeira luz da madrugada. A névoa que agora sobe e deixa ver a suave coloração do mar. Depois, pouco a pouco, o azul ocupa toda a frescura da manhã.

O incomensurável silêncio. A demorada espera da companha escutando os pequenos sons do barco. Até que surgem as toninhas na perseguição da sardinha. Os homens remam, lançam as redes. São as pescadas, os ruivos, os bonitos, o peixe-rei. Saltam, cercados, à flor das águas, dentro das redes, na areia da praia.

Mas esta labuta ancestral das populações da beira-mar difere consoante as localidades e a latitude. Diferentes são os barcos, as companhas, o tempo, o vento, o trabalho, os apetrechos, a fome e a miséria, a fé, o viver das famílias. Em comum, a sempiterna presença do mar, a vida e a morte. Ou seja, quase tudo.

O autor interessa-se particularmente pelas regiões de maior tradição marítima e piscatória, como, por exemplo, a Ria de Aveiro e o extenso Vale do Vouga. Elogia a criatividade alegre e picaresca visível nas pinturas das enormes proas. Comove-se com essa paisagem de lagoas e canais: *«São terras impregnadas de água em baixo e envolvidas carinhosamente pela atmosfera marítima. Um rasgão e avisto os montes de sal espalhados pelo campo farto. Nos milharais andam grupos de cachopas enterradas até ao joelho e os arrozais deslavados atiram para o céu as hastes com os pés metidos na água.»*

Quando Raúl Brandão nos fala da Nazaré, alguns apontamentos, curiosíssimos, são mais valiosos que muitas páginas de prosa. Os nomes dos barcos, reveladores do misticismo da sua gente. Mas principalmente os nomes dos homens: *«o Joaquim Chita, o Carlos Petinga, o Cara Má, o Manuel Panelão, o Joaquim da Poupada, o Ernesto Caneco, o Rebola, o Vale Nove, o Bexigas, o Mixórdias, o Chicharro, o Ganso, o Esgaio, o Peixe-Posta, o Beca, o Veca e o Meca, o Pirão, o Pescadinha, o Sá-Pau, o António Rato Azeitona e outros.»* Homens que gastam na taberna quanto ganham, acreditam nas bruxas que tanto anunciam pescarias como amaldiçoavam as embarcações, *«ou trazem o padre à noite para lhes benzer o barco e as redes à luz dos archotes.»* Que antiquíssimas crenças guardaria esta gente um pouco estranha?

Hoje apodrecem os barcos na praia da Nazaré e nas outras praias da costa portuguesa. Mas a melhor homenagem que podemos prestar aos desaparecidos que viveram do mar ou nele morreram é respeitar a memória da sua faina. Como poucos, Raúl Brandão soube respeitar essa memória.

Casablanca

(in “CARTA DE MAREAR”, CRÓNICAS, Mário Machado Fraião, ed. do Autor, 2007)

Vi novamente o eterno *Casablanca*. É sempre um magnífico filme. Belo, emocionante, inesquecível. Mesmo na televisão. E recordo que o admirei pela primeira vez no *Cine-Salão*, antigo património do Sporting Club da Horta.

Recordo a sala estreita, o modesto cadeiral, a dor nas costas, o azar de quem apanhava «pau», ou seja, quando à nossa frente a cabeça de algum calmeirão nos impedia de ver as fitas. A voz torturante daqueles que transmitiam quase integralmente as legendas aos analfabetos. E mais: as duas filas da frente, porque era mais barato, repletas de rapaziada ruidosa, a pateada nos «barretes» mais irritantes, forçando o polícia Félix a intervir por diversas vezes.

Mas também as fotografias coloridas dos atores que avivaram aquela exígua sala de espetáculos. Não sei se lá estariam Humphrey Bogart ou Ingrid Bergman. Sei, no entanto, que algumas cenas de *Casablanca* permanecem na memória das diferentes gerações que o presenciaram num território dominado pela sabedoria de padres e chefes de Repartição. O fascínio pelo cinema nas décadas de quarenta e cinquenta foi um poderoso fenómeno social, quanto a nós ainda não devidamente estudado no nosso país. Nas pequenas localidades – ou nas ilhas – as imagens projetadas revelar-nos-iam que o Mundo era vasto e variado, que haveria muito mais na vida que frequentar as aulas, regressar a casa no cortejo de alunos do Liceu, vestir o fato aos domingos, pentear o cabelo, escovar os sapatos, esperar as meninas depois da missa.

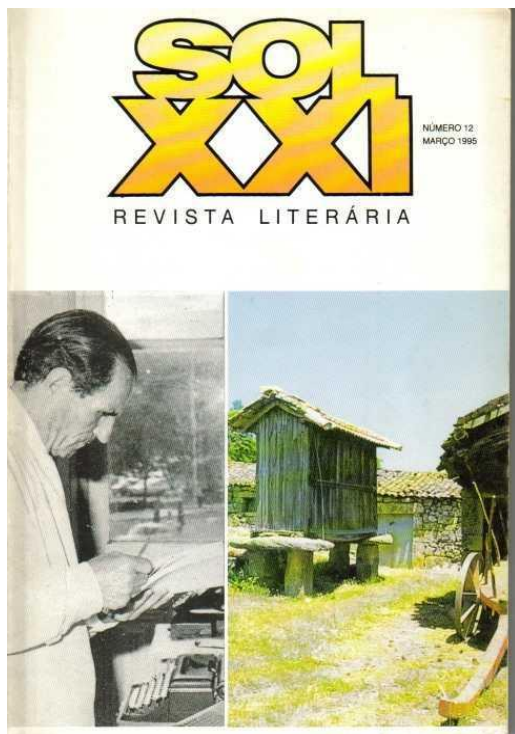
O poder das personagens do ecrã, simples e civilizadas, mas profundamente humanas, mesmo nos seus vícios, envolvidas num grande acontecimento como a Segunda Guerra

Mundial, fazia despertar os sentimentos mais audazes. Sugería outras perspetivas de encarar a realidade, questionando a finíssima teia dos comportamentos, revelando a grandeza dos pequenos, a mesquinhez dos grandes. É claro que Bogart aparecia quase invariavelmente no seu impecável *smoking* branco, de cigarro numa das mãos e o copo de *whisky* na outra mão. Todavia, *Rick*, o misterioso proprietário do Café Américain, não era nem submisso, nem arrogante, nem cínico, nem marialva. Muito menos covarde.

Este emblemático filme, estreado no Hollywood Theater de Nova Iorque em novembro de 1942, retrata exemplarmente uma época: o desespero dos refugiados da ocupação alemã, esperando o Livre-Trânsito para Lisboa, de onde poderiam seguir para a América; a chantagem dos oportunistas nesse porto franco do Marrocos francês que negociavam passaportes, vistos e viagens clandestinas; a duplicidade manhosa das autoridades. As personagens: *Rick*, ou Humphrey Bogart, independente e aventureiro, mas «*sentimentalista*», como lhe dizia o capitão *Renault* da polícia francesa; *Victor Laszlo*, cidadão checoslovaco, homem sério e sóbrio, personifica a resistência ao III Reich, ao pangermanismo, à Gestapo; *Sam*, o pianista negro, símbolo de um país tolerante e multirracial; *Renault*, chefe da polícia de Casablanca, vigarista simpático; suave, sensível e onnipresente, *Ilsa*, ou Ingrid Bergman, a mulher lindíssima com a vida destruída pelo desenrolar da Guerra.

E tudo se suspende quando o casal *Laszlo* entra no Café Américain, como se aquela mulher sereníssima fizesse baixar as vozes, todos os ruídos, os sons do piano. Há depois um momento inigualável – porque ainda hoje nos perturba – quando *Ilsa*, com aquele sorriso capaz de comover o mais quadrado coronel de Infantaria, pede, uma vez mais: *Play it again, Sam!* E começa a cantarolar aquele tema que escutaremos sempre com imensa nostalgia: *You must remember this / a kiss is still a kiss*. A seguir a voz do negro conduzirá cada um de nós aos espaços mais esplendurosos.

Sabemos agora que em 1945, logo a seguir ao armistício — antes disso era proibida a exibição — numa Lisboa onde os refugiados tinham deixado a sua marca profunda no quotidiano da cidade, a *Marselhesa* era muitas vezes cantada em coro nos cinemas, como fora naquele Café da colónia francesa, no momento mais arrebatador desta lendária película de Michael Curtiz. No fim, a hélice do avião a descolar para a liberdade, a lágrima que escorre pela branca face da bela escandinava, o tiro no Major Strasser. E a frase fulminante: «*Prendam os suspeitos do costume!*». Casablanca, sempre.



LUA DE VERÃO, (in “SOL XXI – Revista Literária”, n.º 12, março 1995)

O barco
fez aquela viagem tão mansa
por uma noite
onde a lua cheia nos abençoava
Ao atravessarmos a praia
houve um grande silêncio na linha de rebentação
a lua ganhou uma cor dourada
regrediu até quarto minguante
e magnífica
mais parecia uma talhada de melão
no centro do firmamento
Pêssegos ameixas e água fresca
trazem o potente cheiro destes dias
sabem a ostras
ou algas ou cabelos de mulher durante o verão.

Ator (in “CARTA DE MAREAR”, CRÓNICAS, Mário Machado Fraião, ed. Do Autor, 2007)

Esta crónica “velha” poderá vir agora a lume a propósito da crise do teatro, da nossa vida, do último FITEI (Festival de Teatro de Expressão Ibérica) e pode constituir ainda uma modesta homenagem ao brilhante final de carreira do ator Ruy de Carvalho.

Recordamos aqui um espetáculo que tivemos oportunidade e boa ventura de presenciar no Teatro Nacional D. Maria II: a peça *Minetti*, com encenação de Ricardo Pais. Assinado pelo irreverente dramaturgo austríaco Thomas Bernhard - marcado por uma infância

dolorosa, filho ilegítimo, rejeitado pelo pai - o tema central deste «*Retrato do Artista Quando Velho*» é a exclusão de um prestigiado ator.

Bernhard inspira-se na vida deste prodigioso intérprete - o qual, curiosamente, ao tempo deste espetáculo, com oitenta e cinco anos de idade, ainda representa - para criar a personagem trágica do talento envelhecido. Minetti participou, ao longo da vida, em inúmeras peças de autores como Goethe, Nicolau Gogol, Strindberg, Samuel Beckett ou Shakespeare, o seu dramaturgo preferido. Interpretou *Ricardo II*, *Júlio César*, *Macbeth* ou *Rei Lear*. Além das peças do próprio Thomas Benhart.

Quando se abre o pano depara-se-nos o *hall* de um hotel, com o rececionista a folhear os livros de registo. Ao fundo, uma senhora (Lurdes Norberto) vestida de vermelho, fuma por uma longa boquilha e bebe champanhe. É um hotel em Ostende, na Bélgica, na costa do Atlântico. O «*cavalheiro esquisito*», como anuncia o empregado ao referir-se à pessoa que chegou, traz consigo uma velha mala com a sua grande máscara, «*a máscara de Ensor*». A voz e o desempenho de Ruy de Carvalho transmitem a este poderoso personagem uma transcendente força dramática. «*Representei o Lear / por todo o Norte da Alemanha / mas ninguém / percebeu o Lear / nem Shakespeare / nem Lear / nem nada*».

Por motivos que o espetador desconhece, mas que inevitavelmente se prendem com as preferências do encenador, ou dos empresários, talvez a idade, podemos imaginar rivalidades e desentendimentos, sarilhos de saias, o temperamento, ou, segundo ele próprio, porque «*recusei toda a literatura clássica*», por razões que desconhecemos um ator foi afastado, reduzido ao seu silêncio mais sofredor.

Porque se todo o mundo é um palco, para o ator o palco é a própria vida. «*Trinta anos a fio / todos os dias logo pela manhã / eu punha a máscara de Lear / diante do espelho, minha filha / trinta anos todos os dias de manhã / por uns instantes eu era Lear*».

E trinta anos depois o diretor de uma companhia de teatro lembra-se dele. Convida-o para o papel principal numa peça a iniciar os ensaios, precisamente *Rei Lear*, de Shakespeare. Ou terá sido ele, o ator, que no seu desespero, ou loucura, imaginou tudo isso? Porque no hotel, entretanto, foi-se esvaindo o tempo, as horas dolorosamente escorrendo, enquanto Minetti desenrolava o seu monólogo na espera do diretor que não chegará nunca, nem manda recado, nem telefona. Nessa noite da passagem do ano passam os figurantes mascarados que se embriagam, estupefactos pela presença daquele velho enigmático agarrado à sua grande máscara, «*a máscara de Ensor*».

E foi junto da sua grande máscara que ficou sentado num banco de jardim. Muito sério, silencioso e nobre. Ele, o ator. Em Ostende, na Bélgica, na costa do Atlântico a neve caía lá fora numa noite frigidíssima.





A nova República Velha
Março 4, 2008

A 14 de dezembro de 1918 terminaria a experiência autoritária de Sidónio Pais, também conhecida por República Nova. Quando o país conhecia as piores consequências da Guerra, a inflação e o racionamento, o Presidente-rei procura integrar os monárquicos no regime, normaliza as relações com a Igreja, apoia os grandes produtores agrícolas, com o fim do «pão político», restabelece a ordem nas ruas fortalecido pelo apoio dos jovens oficiais. Mas o que movia o «sidonismo», para além de tudo isto, era o ódio aos democráticos, beneficiados pelo sistema eleitoral, vencedores de todas as eleições até ao momento, e muito especialmente o rancor endereçado a Afonso Costa, primeiro-ministro em 5 de dezembro de 1917, altura do golpe dos cadetes da Escola de Guerra que dissolve o Congresso e destitui o Presidente da República.

Não deixa de ser curioso que o assassinato de Sidónio, na estação do Rossio, de onde iria partir para o Porto devido às movimentações de elementos realistas, tenha ocorrido poucos dias após o armistício. Apenas defendida de forma intransigente pelo Partido Democrático, não obstante a constituição da «União Sagrada», a Guerra tornara-se cada vez mais impopular. Originara as fortunas dos «novos-ricos», fizera proliferar novas empresas, mas trouxera dificuldades para muitos e o empobrecimento da maioria da população. Incapazes de entender os motivos da intervenção portuguesa no conflito internacional, angustiados com o futuro que lhes estaria reservado, os camponeses são facilmente atraídos para fenómenos religiosos como as «aparições» de Fátima. Testemunhando talvez este ciclo depressivo da nossa história recente, da qual os elementos marcantes eram a carestia e a insegurança, faleceram, nesse mês, os pintores Santa-Rita e Amadeu Sousa Cardoso. Entretanto, Aquilino publicara *Terras do Demo*.

O início de 1919 seria marcado pela guerra civil que termina com a entrada de forças favoráveis ao restabelecimento do sistema constitucional na cidade do Porto, pondo termo à denominada «Monarquia do Norte». Canto e Castro, um monárquico eleito presidente de acordo com a Constituição de 1911, empossou Tamagnini Barbosa, o qual formará um Governo constituído por um número considerável de antigos sidonistas. Só a 30 de março, Domingos Pereira irá constituir um governo onde predominavam elementos do Partido Democrático. Tinha início a nova «República Velha».

Não obstante, o Tratado de Versalhes seria assinado a 28 de junho. A delegação portuguesa, chefiada por Afonso Costa, conseguiu que o Tratado contemplasse o pagamento de indemnizações devidas ao nosso país e confirmou o direito de Portugal sobre as colónias ultramarinas. António José de Almeida era eleito presidente da República no dia 6 de agosto. Confirmando a influência da corrente revolucionária, a 13 de setembro foi criada a Confederação Geral dos Trabalhadores, de inspiração anarcossindicalista. E no dia 1 de outubro é fundado o Partido Republicano Liberal, resultante da junção entre evolucionistas e unionistas. Neste mesmo ano, Raul Brandão publica o primeiro volume das *Memórias*.

No ano seguinte, 1920, tomaram posse sete governos enquanto a corrupção continuava e se verificavam assaltos a estabelecimentos comerciais de Lisboa e Porto, evidenciando a crise de autoridade, aumentando as preocupações da opinião pública e a insatisfação do exército. Todavia, o acontecimento mais grave deste período de grande instabilidade foi a dramática «noite sangrenta», de 19 de outubro de 1921, durante a qual foram assassinados, em circunstâncias mal esclarecidas, o primeiro-ministro António Granjo, e outros dirigentes republicanos, entre os quais, Machado Santos e Carlos da Maia. A revista *Seara Nova*, fundada por destacadas personalidades do campo republicano, que iniciara

neste mês outubro a sua publicação, irá insurgir-se energicamente contra esta trágica ocorrência.

A 22 de março de 1922 partia de Lisboa o avião Lusitânia, pilotado por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, iniciando a primeira travessia aérea do Atlântico Sul. António José de Almeida inicia a 17 de setembro uma visita oficial ao Brasil onde decorriam as comemorações do 1.º centenário da independência. E enquanto o ministro da Instrução Pública do segundo ministério de António Maria da Silva via recusada no Parlamento a sua proposta de restabelecer o ensino religioso nos estabelecimentos particulares, António de Oliveira Salazar publica *Lições de Finanças*. No dia 6 de agosto de 1923 – ano em que se verificou uma corrida aos depósitos e como inevitável consequência cinco bancos abriram falência – Manuel Teixeira Gomes é eleito presidente da República. Durante o seu mandato deu posse a sete ministérios, tendo conseguido conter uma séria tentativa de golpe militar, a 18 de abril de 1925, até se demitir em 11 de dezembro desse mesmo ano. Eleito no mesmo dia, Bernardino Machado seria o último presidente da I República portuguesa. José Régio publicava *Poemas de Deus e do Diabo*. Faltavam seis meses para o 28 de maio.

O exílio do Presidente

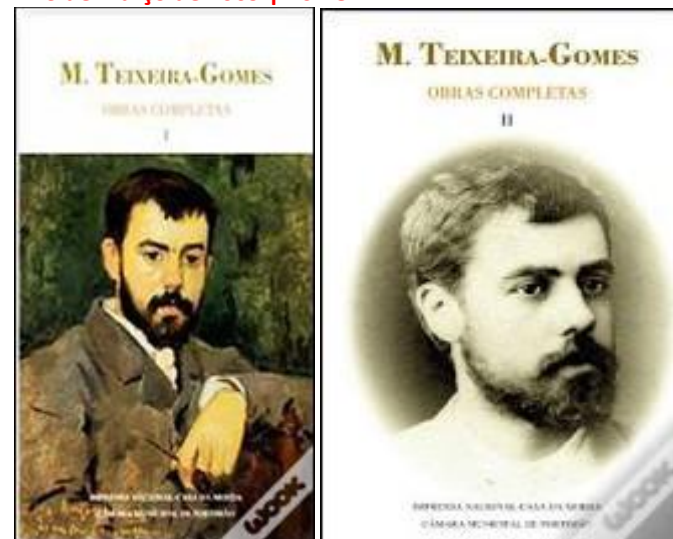
Diz Norberto Lopes que o embarque teve lugar na manhã do dia 17 de dezembro de 1925. Teixeira Gomes, que recebera um ramo de rosas e violetas das mãos da filha de um amigo, desceu a escada de madeira para embarcar num gasolina com destino ao navio «Zeus», ancorado no Tejo. Na fotografia do livro a que nos referimos – *O Exilado de Bougie* – distinguem-se, segundo a legenda, diversas personalidades da vida pública desses tempos. Gente da política, à qual Teixeira Gomes renunciava definitivamente. O autor acrescenta que naquele momento todos se descobriram e que o antigo ministro em Londres saudou

igualmente os que ali se foram despedir. Mas não voltou. Esta edição de 1942 ocorre um ano após a morte de uma personalidade impar na História recente do nosso país, Presidente da República, escritor e diplomata.

Teixeira Gomes viveu uma juventude despreocupada, onde a boémia coimbrã lhe proporcionou, mesmo assim, o contacto com algumas das figuras mais destacadas do meio literário da época, ou ativistas políticos como Brito Camacho. E terá sido este último quem sugeriu o nome deste algarvio, natural de Portimão, para o exigente cargo de chefe da Legação portuguesa em Londres, após o 5 de outubro de 1910, lugar até então ocupado pelo marquês de Soveral, que muito depois desta data, continuaria a ser recebido no *Foreign Office*, bem como, naturalmente, D. Manuel II, o deposto rei. Na entrevista concedida a Norberto Lopes no *Hotel de l' Étoile*, em Bougie, na Argélia, o autor de *agosto Azul* menciona as dificuldades que enfrentou para se afirmar na capital britânica e recorda que apenas em outubro de 1911, um ano após a proclamação da República, entregou credenciais ao rei Jorge V. No decorrer da conversa que deu corpo à referida publicação o antigo diplomata salienta a sua persistência para impedir a aplicação do tratado anglo-alemão de 1898 que previa a partilha dos territórios ultramarinos entre as duas potências europeias – o qual não chegaria a ser aplicado devido à eclosão da Grande Guerra – bem como a preocupação em atenuar a campanha antiesclavagista desencadeada na Inglaterra contra o nosso país. Impossibilitado de continuar a exercer o seu mandato devido à instabilidade política que se agravava no último período do regime parlamentar, magoado com as calúnias divulgadas contra ele nos cafés de Lisboa, renuncia dois anos após ter sido eleito contra o seu maior adversário, Bernardino Machado, o qual, curiosamente, o iria substituir. Mas não deixa de sublinhar: «*o encanto do mar, só por si, é cada vez mais intenso (...) Isso contribui imenso para que eu me vá deixando ficar em Bougie, espécie de Sintra à beira de água*».

Manuel Teixeira Gomes: O mês de junho

Investigador do projeto «agosto Azul – do deslumbramento do Sul ao prazer da Viagem», ICIA. 13 de março de 2009 | 16:28



A edição das Obras Completas de M. Teixeira-Gomes, empreendida pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, teve o seu começo em outubro de 2007.

O primeiro volume inclui precisamente os três títulos iniciais deste algarvio errante, «Inventário de junho», «Cartas Sem Moral Nenhuma» e «agosto Azul». A volumosa publicação, valorizada com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, com notas suas, de Helena Carvalhão Buescu e Vítor Wladimiro Ferreira, permite-nos a leitura do texto atualizado, de acordo com as emendas efetuadas pelo autor.

A capa é apelativa, uma irrepreensível reprodução do quadro de Marques d'Oliveira, o retrato do jovem Manuel, filho de abastado comerciante, aos 22 anos de idade.

O livro de estreia de Teixeira-Gomes saiu em 1899, na fase final do «rotativismo», quando o rei D. Carlos já suportava mal as oscilações sucessivas entre os Ministérios regeneradores e os progressistas.

Os republicanos afirmavam-se cada vez mais como a principal força de oposição ao bipartidarismo dominante, e alcançaram nesse mesmo ano, na cidade do Porto, um importante resultado eleitoral, posteriormente anulado, porque o governo invocou a existência de ilegalidades.

Conclui-se agora um século e mais dez anos sobre o começo da carreira literária daquele que seria o penúltimo Presidente da I República Portuguesa.

São apontamentos de viagens pelo Mediterrâneo, numa escrita suave e luminosa como os dias longos desse mês prodigioso, o mês de junho, mas também pequenos contos e crónicas do quotidiano. As «Cartas», cuja primeira edição é de 1903, causaram, em função da insólita designação, apreensão e comentários jocosos entre aqueles que nem sequer as leram.

Constam, no essencial, de coloridas descrições de um viajante, algumas das quais nos fazem lembrar as pinturas naturalistas, acrescentadas de curtas experiências de ficção, de referências culturais e históricas, prova irrefutável do seu gosto pela epistolografia. Por último, em «agosto Azul», publicado em 1904, também a imaginação complementa os textos que descrevem a costa algarvia ou o sul de Espanha, e outros ainda, como, por exemplo, um «Sobre a Morte de Shelley», deambulação acerca deste poeta romântico, amigo de Byron, ou «Uma Cena Grega», quando a paisagem do Algarve, uma vez mais, sobretudo as rochas e o mar, lhe inspira variadas fantasias.

De «Inventário de junho» retivemos, por exemplo, as suas impressões da Itália por parte de um viajante sensível e comovido: «A ascensão ao monte Coppola faz-se de carruagem, mas por verdadeiros caminhos de cabras, cortando a espessura frondosa dos castanheiros mansos, dos medronheiros e dos rosais silvestres, ou debruando abismos cavados em rochas que dominam de muito alto o golfo até Ischia e Prócida».

De igual modo as recordações de infância onde a proximidade da água, do mar em tempo de claridade é quase permanente: «O bote viajava ligeiro, apontando à barra que, suspensa das duas fortaleza desmanteladas, ondulava na imensidade azulada como balouço de espumas ali posto para recreio das ondinas; das vagas rebentadas soltavam-se umas efémeras aparências de corpos brancos bracejando a espaços, à tona de água. Nenhum outro movimento perturbava a serenidade tão absolutamente calma da manhã; fora da barra, o mar, sem viração, esmaltava-se de todo o anil do céu».

Ou ainda um conto breve, narrativa tão imaginosa como trágica, onde o autor se considera a si próprio ser responsável pela morte de um amigo: «Ali estava o meu amigo Tomás, amortalhado na capa de seminarista, cruzando as mãos roxas sobre o peito, como a imagem de um santo mártir inocente, porque devia ter sofrido muito quem tinha assim as feições transtornadas ou então tudo se transfigurara dolorosamente na imobilidade da morte».

Este livro espelha admiravelmente o que seria a produção literária de Manuel Teixeira-Gomes, uma escrita fragmentada, enriquecida pela diversidade, porque depois das impressionantes observações a propósito das terras por onde passava, tem lugar a escrita criativa, a elegante correspondência, os diálogos, a crítica do quotidiano, e outra vez a paisagem, o mar, as viagens.

“Os barcos estremeçam nos seus ancoradouros”. (pág. 71)

“Ao fim e ao cabo, o sonho de todos os ilhéus: partir”. (pág. 103)

Vinte e oito crónicas dão corpo e espírito a **Cartas de Marear** (edição de autor, 2007), publicadas entre 1990 e 200 em diversos jornais e outros periódicos e que, “corrigidas e acrescentadas”, se apresentam agora com outra respiração. O seu autor, Mário Machado Fraião, poeta de agudíssima sensibilidade e apreciáveis recursos sensoriais, nasceu na cidade da Horta e vive atualmente em São João do Estoril. Em permanente estado de desassossego criativo...

Atento observador da vida que se lhe oferece em palco, este autor não usa flores na lapela nem ostenta brincos semióticos... A ilha do Faial deixou nele uma memória indelével e retroativa, sendo a Horta o epicentro do seu imaginário, isto é, o seu roteiro sentimental e afetivo.

Acionando os dispositivos dessa memória (em cinematográfico “flash back”), o autor revive paraísos irremediavelmente perdidos da infância e da adolescência, numa revisitação à geografia sentimental, afetiva e humana do Faial, com a ilha do Pico em fundo. Por outro lado lança olhares para o Mundo, a partir de espaços continentais.

Neste livro o poeta dá voz ao prosador. Um prosador minucioso e reflexivo que, convocando memórias e lançando olhares a autores, livros, filmes e outras ocorrências, nunca deixa de escrever as emoções, os afetos, os sentimentos e outros estados de alma do poeta. Prosador que, por sua vez, ao comentar, ao analisar e ao questionar deixa ver o professor, o historiador e o pedagogo que Mário Machado Fraião também é.

Ao ler este livro ocorreu-me, a emblemática e certa frase do escritor Daniel de Sá: “Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela.” (**Ilha Grande Fechada**, Salamandra, 1992, pág. 172).

Efetivamente Mário Machado Fraião carrega a sua ilha perdida e mitificada. A evocação (quase) nostálgica do vivido e do sentido entra-nos pelos olhos dentro. Há, nestas crónicas, uma vibração afirmativa, uma memória telúrica, uma capacidade evocativa e um enfoque visual na maneira de narrar que me agrada sobremaneira. Sente-se aqui o cheiro a mar, a claridade solar, o trepidar de barcos e navios... (O livro é ilustrado com antigas fotos de barcos e navios da autoria de Júlio Vitorino da Silveira, fundador da *Foto Jovial*, na Horta, em 1940). Sim, estas crónicas viageiras têm um toque de impressionismo e estão impregnadas de cheiros, cores e sabores!

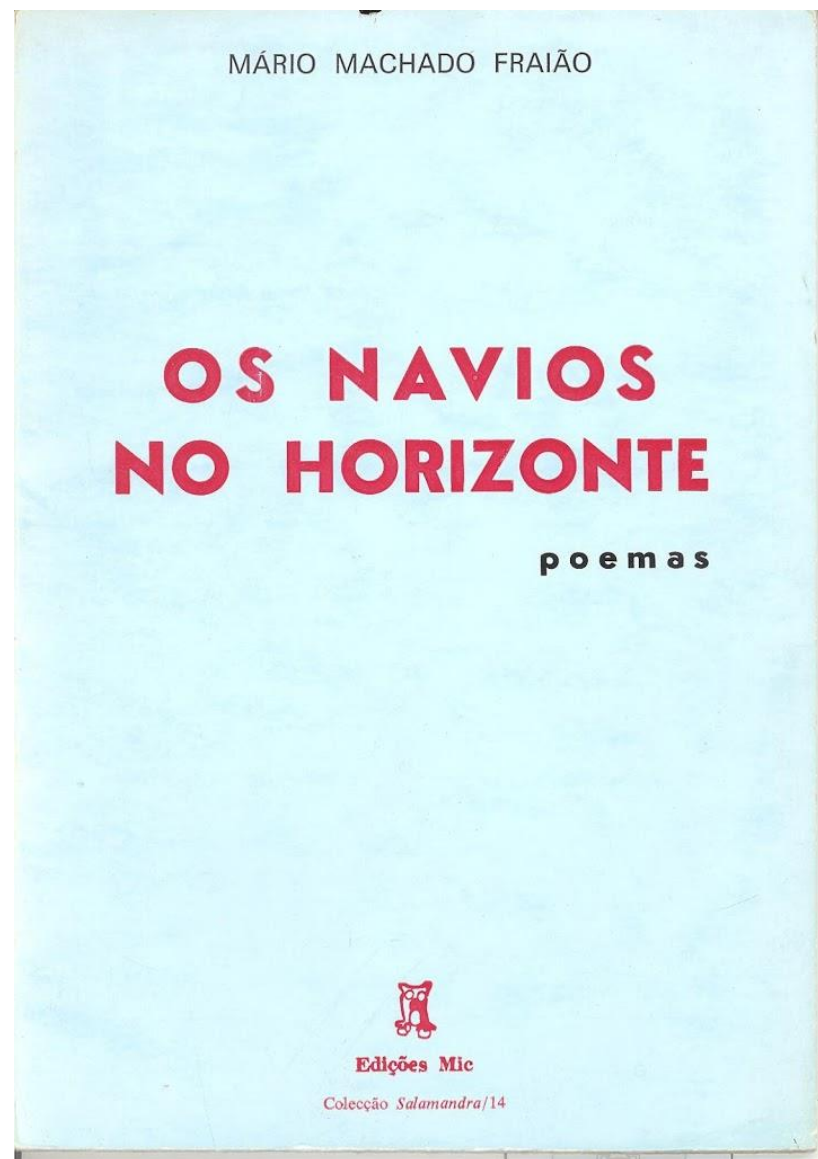
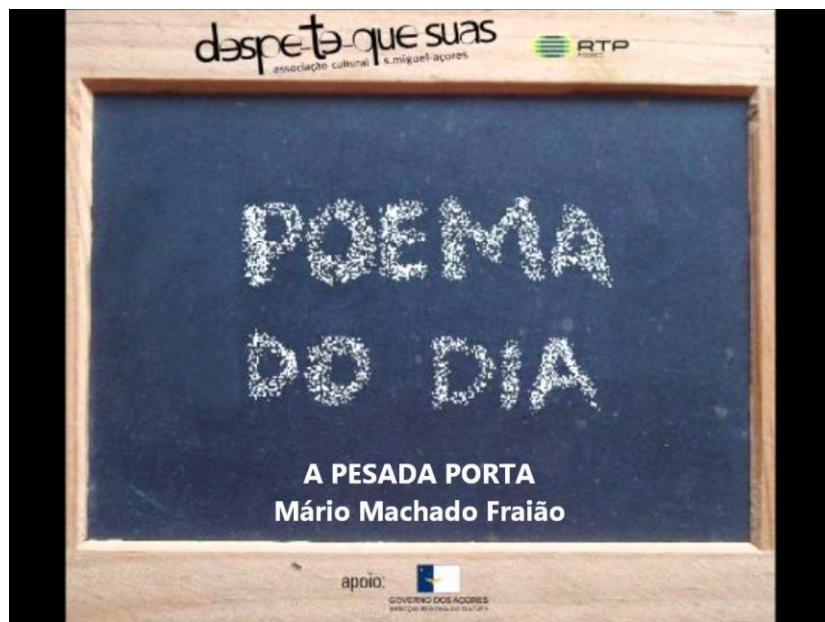
Articulando e interligando passado e presente, o autor navega sonhos e memórias, porque sabe que só o sonho dá sentido à vida. E conta-nos histórias, evoca acontecimentos marcantes, lembra pessoas, lugares e coisas que lhe povoam o imaginário. Por exemplo: presta homenagem a nomes tão diversificados como o rei D. Carlos, Humphrey Bogart, Fellini, Arrabal, Ballester, o fotógrafo faialense Goulart, ou o ator Ruy de Carvalho...

E porque algumas destas crónicas têm na sua génese a recensão literária, são aqui recordados escritas e autores: Bocage (é notável a crónica “Cafés”!), Almeida Garrett, Raul Brandão, Vitorino Nemésio, Jorge de Sena, José Martins Garcia, Rui Duarte Rodrigues, Pedro da Silveira, António Duarte, Manuel Ferreira Duarte, Tomás Duarte, Carlos Faria, Dias de Melo, Teixeira de Sousa, João Carlos Fraga, entre outros.

Mas o fio condutor destas crónicas é, ainda e sempre, a viagem. Viagem pela memória. Viagem pelos saberes. Quer se trate da baía da Horta ou da praia de Nazaré, há sempre

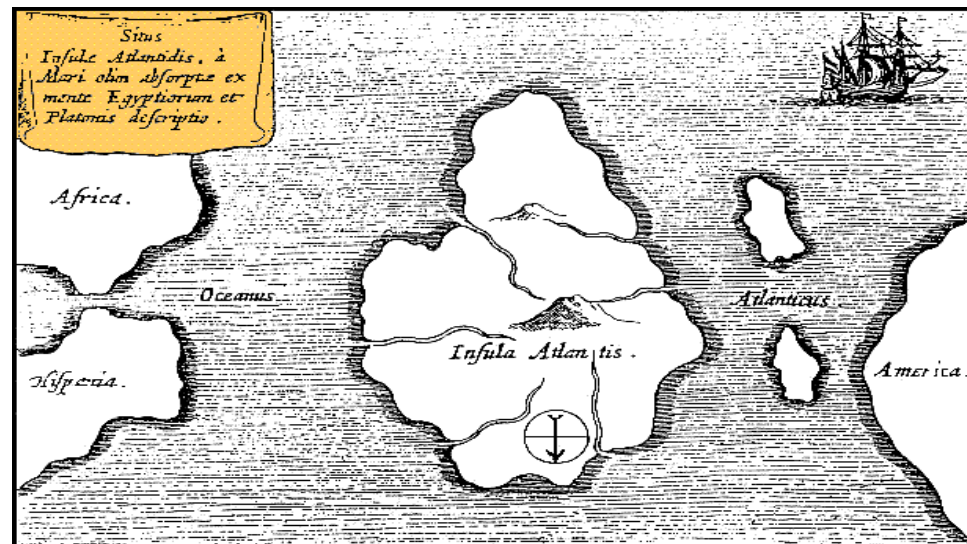
uma navegação, uma memória marítima, uma lembrança náutica – o Gilberto ou João Quaresma, Joshua Slocum, ou Genuíno Madruga...

Escritas com bom ritmo discursivo e frescura narrativa, envoltas em espessa recordação, estas crónicas partem ao encontro das raízes e ficam entre a ilha e a viagem. E são de leitura indispensável.



CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



CADERNO Nº 8 Edição dezembro 2010

DEDICADO A MÁRIO MACHADO FRAIÃO

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®

Editado por
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA
LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115